



CARTA

La società del rischio, de Ulrich Beck: uma perspectiva construcionista

La società del rischio, of Ulrick Beck: a constructionist perspective

Rita de Cássia Gabrielli Souza Lima

Doutoranda em Saúde Coletiva, Departamento de saúde Pública – CCS/UFSC
rcgslima@terra.com.br

Fabiola Stolf Brzozowski

Doutoranda em Saúde Coletiva, Departamento de Saúde Pública – CCS/UFSC
fabijerzy@yahoo.com

No dia 09 de dezembro de 2011, ocorreu o seminário externo da área de ciências humanas, do curso de Doutorado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina, disciplina de Seminários Avançados. O tema para debate foi o construcionismo e os professores convidados foram Murilo Mosqueta e Marcia Grisotti. As discussões ocorridas durante o seminário levaram as autoras a optarem por fazerem uma resenha do livro de Ulrich Beck, *La società del rischio*, relacionando-o com alguns dos temas levantados durante a aula.

Em *La società del rischio: Verso una seconda modernità, traduzido do original Risikogesellschaft, Auf dem Weg in eine andere Moderne*, publicado em 1986, Ulrich Beck descreve sua perspectiva construcionista sobre o modelo societário contemporâneo, deflagrado nos últimos quarenta anos das sociedades capitalistas mundiais. Baseado no pressuposto de que construtivismo e realismo são abordagens úteis e não excludentes à compreensão do ambivalente e plural processo de mutação social, desenvolvido a partir dos anos 60 e 70, o sociólogo transita livremente com peculiar imaginação sociológica, explorando um horizonte intelectual apartado das categorias clássicas das ciências sociais. A postura filosófica ancora-se na reflexividade, nova dinâmica social advinda do avanço do processo de modernização garantido pelo estado social e gerada do confronto com os problemas

criados pelo desenvolvimento científico, técnico e econômico. Uma questão importante a assinalar para o leitor é que, embora o *background* seja alemão a descrição dialoga com contextos ocidentais outros, pois é elaborada no *continuum* do curso da modernidade ocidental. Cabe destacar também que a leitura da obra não exige linearidade; ao contrário, o leitor poderá eleger o caminho a ser trilhado, transitando livremente de um tópico para outro.

A obra é composta por: *Nota del curatore; Prefazione; Parte I; Parte II; Parte III e Postfazione.*

Walter Privitera, *curatore*, comenta que a tradução está baseada na versão original, salvo algumas reconsiderações formuladas da versão inglesa. Ele enfatiza que a obra é uma teoria da sociedade, em seus mais diversos campos, e que grande parte do mérito está na originalidade com que o autor trata as contradições do projeto moderno. Na sua visão, três eixos dão sustentação à descrição social de Beck: risco, individualização e subpolítica. O risco como categoria cada vez mais determinante para a vida social, resultante das mudanças ocorridas nas formas de experiências e nos tipos de lutas, por exemplo, da destradicionalização das condições de vida. A individualização como processo social, cultural e biográfico que garante as condições subjetivas para que os riscos socialmente produzidos possam ser compreendidos e enfrentados: individualização como

produto da reflexividade. A subpolítica como consequência do esvaziamento de formas tradicionais de política. Na *Prefazione*, o autor assinala que a proposta é uma crítica sociopolítica ao prefixo *post*, pois ele entende que as sociedades ocidentais contemporâneas não são *post-modernas*, mas formações modernas com novos contornos, de modernidade avançada, oriundas das premissas e princípios funcionais da sociedade industrial. Seu esforço de argumentação está em contrapor o futuro, que está delineando-se no presente, ao passado que ainda predomina. Segundo Beck, na mesma medida em que a modernização desintegrou a organização da sociedade feudal e produziu o quadro de fundo da sociedade industrial no século XIX, assim hoje a modernização desintegra a sociedade industrial no continuum moderno e dá luz à imagem estrutural da sociedade de risco.

A *Parte I, "Sul vulcano della civiltà: il profilo della società del rischio"*, é composta pelo capítulo 1, "*La logica di distribuzione della ricchezza e del rischio*", e capítulo 2, "*Teoria politica della conoscenza nella società del rischio*". Em tais capítulos, Beck analisa a mudança de objeto da produção social, no contexto de modernidade avançada: enquanto na modernidade clássica a produção social tinha a riqueza por objeto e os problemas e conflitos estavam circunscritos à sociedade baseada na escassez, na modernidade avançada sobrepõe-se à produção social de riscos, como dimensão essencial. Tais riscos, produzidos globalmente pelo discurso científico e técnico, geram uma nova lógica distributiva – não mais de bens, mas de danos – e novos formatos de problemas e conflitos. Trata-se, portanto, de tempos aprisionados pelo excesso de saber, nos quais a base da vida são as ameaças e a consciência (de riscos) determina o ser.

A *Parte II, L'individualizzazione della disegualianza sociale. Forme di vita e fine del tradizionalismo nella società industriale*, é composta pelo capítulo 1, "*Al di là delle classi e delle stratificazioni sociali*", capítulo 2, "*Io sono io: indifferenza, convivenza e conflitto tra i sessi all'interno e all'esterno della famiglia*", capítulo 3, "*Individualizzazione, istituzionalizzazione e standartizzazione: situazioni do vita e modelli biografici*", e capítulo 4, "*De-standardizzazione del lavoro*". Nestes desdobramentos, Beck argumenta que a desintegração dos parâmetros da primeira modernidade, promovida pelo sucesso dos processos de modernização, gerou formas individualizadas de consciência (de risco) e de controle sobre as formas de consciência coletiva – de classe. Para o autor, na modernidade avançada situações de risco não são situações de classe; conflitos da sociedade de risco não

são conflitos da sociedade de classe; os valores são distintos (segurança/igualdade); as utopias são diferentes (medo/fome); na sociedade de risco causas externas transformam-se em culpas pessoais. A linha de raciocínio demonstra que nas sociedades de risco de países desenvolvidos a estabilidade das relações de desigualdade convive com um *superplus* coletivo de várias dimensões da existência (por exemplo, o direito à saúde) e com um processo de individualização a-histórico e de diversificação das situações e estilos de vida. Nesta lógica, o desenvolvimento tem como efeito o deslocamento das dimensões tradicionais (de classe, família nuclear, estratificação social, padronização biográfica e do trabalho) para a periferia do sistema, para que o centro seja ocupado pelo indivíduo. Os tempos de sociedade de risco requerem biografias individuais, reproduções individuais, bem como situações individuais de vida dependentes do mercado (de trabalho), dos efeitos de consumo e da assimetria de direitos.

Na *Parte III, "Modernizzazione riflessiva: la generalizzazione della scienza e della política"*, o sociólogo tece uma perspectiva sobre a dissolução dos contornos do sistema da ciência e do sistema da política das sociedades industriais clássicas, promovida pela modernização reflexiva. Ambos os sistemas, verdadeiros monopólios na modernidade tradicional, diferenciaram-se, gerando mercados de cientificização que passaram a colocar a ciência frente a frente com seus sucessos, pretensões e promessas não mantidas (insucessos). Ele discorre que enquanto na modernidade tradicional a ciência é aplicada "ao mundo dado [pré-existente] pela natureza, homem e sociedade", na modernidade reflexiva a ciência confronta-se com si mesma, com seus produtos, efeitos e falhas. Discursos científicos são produtores e definidores de riscos (causa) ao mesmo tempo produto de enfrentamento dos mesmos (solução). A expansão da ciência é acompanhada pela sua crítica; a ciência é cada vez mais diferenciada e com este aspecto aumenta a complexidade do saber hipotético, isto é, da heterogeneidade de interpretações científicas. No âmbito político, Beck sustenta que com a modernização reflexiva, as decisões políticas não têm se dado no espaço oficial da política, mas em outro lugar: no espaço da cidadania, no qual os cidadãos fazem uso de todo tipo de instrumento para proteger seus interesses e direitos. Ele expressa que a impotência estrutural que acomete a política oficial na sociedade de risco é produto da democracia que se afirmou e do estado social. Argumenta ainda que entre esse espaço de impotência e o espaço de

cidadania encontra-se um híbrido, onde está o desenvolvimento técnico-econômico: a subpolítica.

Por fim, na *Postfazione* o construcionismo beckiano: o conceito sociológico de risco e a sociedade de risco. Os riscos como produção científica e social, como realidade virtual, como consequências não desejadas da lógica de controle da modernidade reflexiva; como uma moralidade matematizada social e cientificamente produzida. A sociedade de risco como aquela que quanto mais deseja colonizar o futuro com a ajuda do risco, mais o risco foge de seu controle.

Esta obra de Beck traz à luz o papel e o lugar da dimensão ética no discurso científico contemporâneo. A linha argumentativa sobre o risco e a sociedade de risco, na modernização reflexiva, desperta questões que deveriam prescrever o sistema da ciência e o sistema político, tais como: a) o papel da ciência na vida das pessoas (solução ou problema?); b) os efeitos dos resultados científicos na vida cotidiana (imposição autoritária?); c) as consequências de tomadas de decisões em terreno da cidadania, diante da impotência da política oficial (como em tais circunstâncias transformar interesses particulares em direito?); d) o papel do avanço tecnológico, econômico e científico (em prol do bem viver ou do medo?). Leitura instigante!